

## Flanando pela série *O Bairro*, de Gonçalo M. Tavares

*The flânerie in the Series O Bairro by Gonçalo M. Tavares*

Taciane Aparecida Couto<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo aborda a série *O Bairro*, do escritor Gonçalo M. Tavares. Na série, o escritor cria um bairro ficcional e insere nele seus senhores-personagens que carregam o nome de intelectuais mundialmente conhecidos. Há que se considerar que a construção do bairro passa por uma arquitetura, pois, em todos os livros da série a distribuição espacial das casas dos senhores-personagens está presente. Assim, observa-se que a série resulta da memória literária do autor em diálogo com a tradição literária. Pretende-se analisar aspectos da série *O Bairro* e da escrita gonçaliana sob a luz das concepções de Pierre Mayol (2005), Walter Benjamin (1994), entre outros. Será abordado, em especial, o livro da série intitulado *O Senhor Brecht*, no qual se podem observar proposições da teoria benjaminiana.

**Palavras-chave:** O Bairro; cânone; tradição literária.

**Abstract:** The following essay is a study about the series *O Bairro* written by Gonçalo M. Tavares. In this series the writer creates a fictional neighborhood and inserts in it their messrs-characters, which carry the names of world-renowned intellectuals. It is necessary to consider that the construction of the neighborhood passes through an architecture, because in all the books of the series the drawing, the spatial distribution of the houses of the population is present. Thus, the author's intention is to dialogue the series with the literary tradition. The intention is to analyze aspects of the series *O Bairro* and the Gonçalo's writing in the conceptions of Pierre Mayol (2005), Walter Benjamin (1994) and others. The book entitled *O Senhor Brecht* which we can observe propositions of the Benjamin's theory will be approached in particular.

**Keywords:** O Bairro; canon; literary tradition.

### Introdução

Gonçalo M. Tavares nasceu em Luanda, Angola, em 1970, mas, ainda muito novo, mudou-se para Portugal. Desde o lançamento de sua primeira obra *O livro da dança*, em 2001, tem recebido reconhecimento da crítica literária. Com a série *O Bairro*, põe a habitar no mesmo bairro intelectuais como os senhores, Brecht, Calvino, Valéry, Eliot, entre outros. Todos os livros têm como título *O Senhor*, seguido do nome do habitante. Essas obras apresentam textos curtos nos quais o autor constrói situações da vivência de cada senhor-personagem constituídas de eventos cômicos, ilógicos, irônicos e trágicos.

A série *O Bairro* nos leva a ter um olhar analítico sob diversas perspectivas, já que, na maioria dos livros, não existe relação direta da biografia do intelectual de quem o livro recebe o nome com o personagem ficcional que Tavares constrói.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UFSJ. Mestra em Letras pela UFSJ. Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: tacy.couto@hotmail.com

Somos convidados assim como um *flâneur* a decifrar os sinais e imagens que essas narrativas apresentam. Os livros já publicados em Portugal por cronologia de publicação são: *O Senhor Valéry* (2002), *O Senhor Henri* (2003), *O Senhor Brecht* (2004), *O Senhor Juarroz* (2004), *O Senhor Kraus* (2005), *O Senhor Calvino* (2005), *O Senhor Walser* (2006), *O Senhor Breton e a entrevista* (2008), *O Senhor Swedenborg e as investigações geométricas* (2009), *O Senhor Eliot e as conferências* (2010). No Brasil, são publicados pela editora Casa da Palavra a partir de 2005.

Na primeira página dos livros da série, encontra-se uma ilustração de casas e edifícios que têm aparência de esboço; na verdade, é o bairro ficcional criado e ilustrado por Tavares onde os personagens vivem. Dessas construções saem setas indicando os moradores que lá habitam. Entretanto, nem todos os habitantes já têm o seu livro escrito, por isso Gonçalo Tavares afirma que *O Bairro* é um projeto para toda a vida. Os senhores gonçalianos como Fernando Pessoa, James Joyce, Rimbaud, entre outros, ainda estão por escrever.

Chama-nos atenção o fato de que a maior parte desses habitantes são homens, até o momento o bairro tem apenas uma moradora mulher – a senhora Woolf, mas está ainda em projeto. O único habitante português que irá morar no bairro é Fernando Pessoa. O escritor tem afirmado que sua obra resulta do diálogo com os textos ditos clássicos e particularmente aqueles de sua preferência. Em uma entrevista concedida, em 2010, ao crítico Pedro Mexia, afirma: “Uma parte do meu trabalho é um diálogo com os clássicos. O projeto do Bairro e também o livro “Biblioteca” têm esse espírito [...] é responsabilidade do escritor contemporâneo estar atento aos sinais que os escritores clássicos nos deixaram” (TAVARES, 2010).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> MEXIA, Pedro. O Romance ensina a cair. *Ipsilon*. Lisboa, 27 out. 2010. Disponível em: <http://ipsilonpublico.pt.livros>entrevistaaspx?id=268246>. Acesso em: 08 abr. 2020.

# O bairro

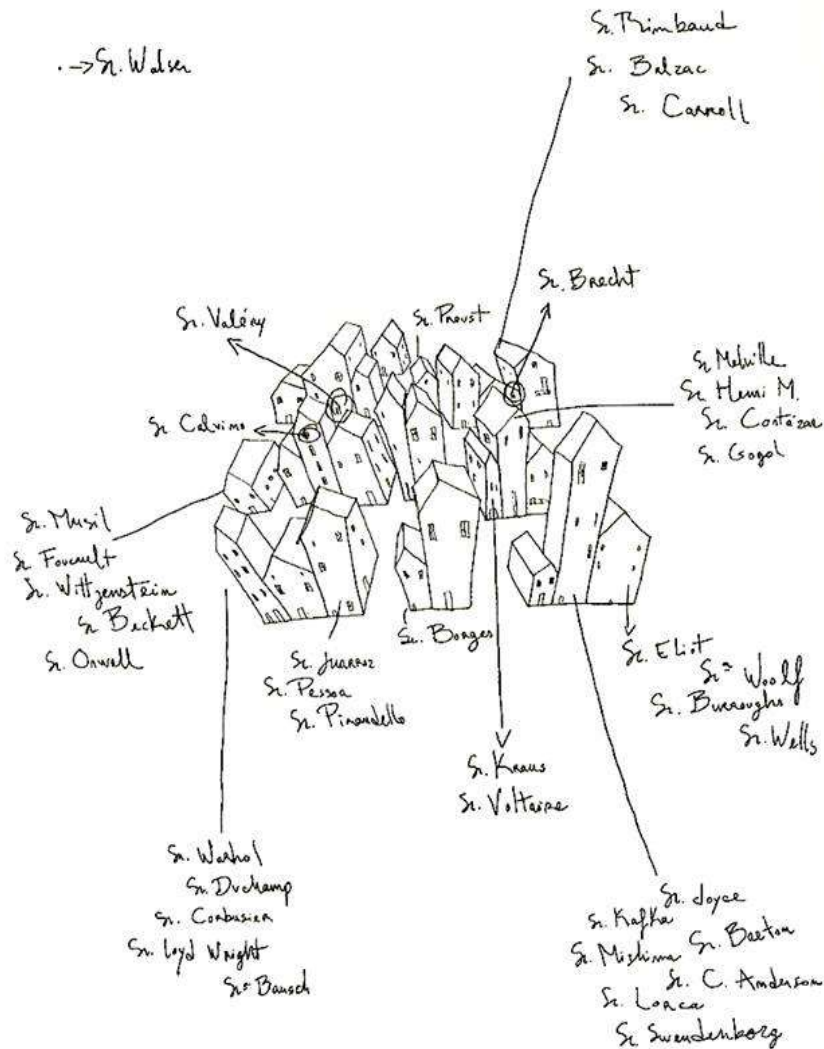


Figura 1: Arquitetura do bairro construída por Gonçalo M. Tavares.

## Apontamentos acerca do Bairro

Nas narrativas dos livros que compõem a série observa-se que os senhores-personagens fazem o uso do bairro criado por Tavares, de forma cotidiana, como, por exemplo, nas narrativas do livro *O Senhor Calvino* (2007): a referência desse livro é ao escritor e crítico literário Ítalo Calvino, que nasceu em Cuba, mas viveu toda sua vida na Itália. Na obra de Tavares, a vida desse senhor consiste em uma rotina

monótona. Ele se dedica a tarefas não usuais, pois tenta preencher sua vida com atividades como os percursos matinais, a alimentação regrada do jantar e sem normas do almoço, a pontualidade nos afazeres etc.

Calvino é o habitante do bairro que mais anda pelas ruas e que mantém maior contato com outros habitantes. Esse senhor-personagem está sempre fazendo uso do espaço físico do bairro, por exemplo: ele se oferece para levar o cão cego de um vizinho para passear: “[...] Ao fim do dia, ia buscar o cão cego e levava-o, de coleira, a passear pela cidade” (TAVARES, 2007a, p.51). Em outra narrativa do livro lá estava o senhor Calvino a andar de transporte público pelo bairro; em “O balão”, lê-se:

Nos transportes públicos, em horas de grande concentração, o senhor Calvino levantava o balão acima da cabeça e com esforço mantinha, em todo percurso, o braço bem levantado para que um movimento mais descuidado não o rebentasse. Em casa, antes de dormir, colocava o balão junto a mesa de cabeceira e só depois, sim, adormecia (TAVARES, 2007a, p.16).

No livro *O Senhor Kraus* (2007), também se observa o uso do bairro. A referência aqui é a Karl Kraus. O intelectual foi um ensaísta, aforista e poeta austríaco. E, sobretudo, satirista e panfletário. O personagem, o senhor Kraus, é contratado para escrever crônicas para um jornal, o principal alvo dessas crônicas são os políticos. As narrativas mostram esse senhor nas ruas do bairro, onde eventualmente encontra seus vizinhos e leitores, ou ainda no café.

Seus contatos com os passantes da rua revelam-se em várias passagens do livro. Exemplo: “Já comecei a ler as suas crônicas, senhor Kraus, o mundo anda agradável, não? O senhor Kraus sorriu, agradeceu e despediu-se” (TAVARES, 2007b, p. 23).

Em *O Senhor Valéry e a lógica* (2008), livro que alude ao francês Paul Valéry, tem-se a presença constante do senhor-personagem a andar pelas ruas, fazendo uso do espaço do bairro ao mesmo tempo em que pensa sobre seu modo de vida desajeitado e ambíguo, como se observa nos textos:

Os amigos

(...) Agora quando cruzava com as pessoas na rua, concentrava-se, mentalmente, e olhava para elas como se as visse de um ponto 20 centímetros mais acima. Concentrando-se o senhor Valéry conseguia

mesmo ver a imagem do topo do cabelo de pessoas que eram bem mais altas que ele. (TAVARES, 2011, p.10 -11)

A partir da experiência desses senhores habitantes do bairro de Tavares, pode-se observar, como propõe Pierre Mayol, em *A Invenção do Cotidiano 2 – Morar, cozinhar*, que:

[...] o bairro é o espaço de uma relação com o outro, como ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua, é efetuar um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes (os vizinhos, a configuração dos lugares, etc.). A relação entrada/saída, dentro/fora penetra outras relações (casa/trabalho, conhecido/desconhecido, calor/frio, tempo úmido/tempo seco, atividade/passividade, masculino/feminino...). É sempre uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social (MAYOL, 1996, p.43).

Conforme Pierre Mayol (1996), um bairro compreende um espaço de relação com o outro. O fato de sair de casa e caminhar pela rua é efetuar um ato cultural, não arbitrário, porque assim o habitante se inscreve em uma rede de sinais sociais que lhe são preexistentes, como os vizinhos, a decoração dos lugares, os aspectos dos elementos urbanos etc. As próprias combinações entrada/saída, dentro/fora, conhecido/desconhecido, masculino/feminino configuram uma relação entre uma pessoa e o mundo físico e social.

A partir do cotidiano dos senhores moradores do *Bairro* de Tavares, pode-se observar que esses agem como verdadeiros habitantes de um bairro. Desse modo, os senhores-personagens caminham pela rua, embora, sem muito contato, conversam com os vizinhos, frequentam espaços comuns a um bairro.

Apesar de haver a ilustração cartográfica do *Bairro* delimitando apenas as casas nas quais os senhores moram, é possível observar no próprio desenho a existência de ruas e de construções que ainda não possuem marcações correspondentes à moradia de outros senhores que possam vir a habitá-lo. É como o autor da série vem afirmando, “n’*O Bairro* pode entrar ou sair a qualquer momento um senhor.”<sup>3</sup> Esse fato, somado às ações dos senhores-personagens, faz com que seja possível pensar *O Bairro* com aspectos de um bairro convencional, configurando-se

---

<sup>3</sup> Entrevista para o site Portal da Literatura. Disponível em: <<http://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=8>>. Acesso em: 08/01/2016.

ao mesmo tempo como espaço físico-ficcional e coleção de leituras, uma vez que esses senhores-personagens aludem a escritores que fazem parte da tradição literária. Assim, Tavares efetuou a leitura das obras desses autores, e agora os leitores de Tavares perpassam pela obra do escritor português sempre tentando cotejar aspectos dos escritores que foram transformados em senhores-personagens.

Gonçalo Tavares diz ainda, em outra entrevista à revista *Cronópios*, em 2009, que brinca muito com esse bairro e que procura assemelhá-lo à lógica da aldeia de Asterix. O bairro, assim como a aldeia de Asterix, seria um lugar que intenta o princípio da boa vizinhança, um lugar acolhedor que busca ser seguro de invasões. O escritor comenta na mesma entrevista sobre o seu projeto do bairro.

A certa altura, percebi que o Bairro é uma espécie de utopia, de espaço utópico. E isso foi algo que não percebi no início, mas que, para mim, agora está claro. A ideia de um Bairro sem espaço em que se cruzam, por exemplo, o Sr. Balzac com o Sr. Duchamp, pessoas que no tempo não poderiam cruzar, que nunca viveram num mesmo espaço. Eu fiz um Bairro completo, um desenho que tem já uma série de senhores, que ainda não saíram e que eu ainda não escrevi. É um projeto quase interminável. Mas aquilo lá é um bocado o projeto que eu gostaria de fazer. São cerca de 40 senhores, desde artistas, arquitetos, escritores. Os nomes dos senhores do Bairro são homenagens. É dar o nome de um escritor ou de um artista a um personagem de ficção. Eu costumo dar o exemplo de que é como dar o nome de um escritor a uma rua. Quando damos o nome de um escritor a uma rua, em primeiro lugar, não se espera que a rua se pareça com o escritor. Agora, quando se dá aquele nome precisamente a uma rua, não se dá por acaso. Dá-se, por exemplo, porque o escritor viveu lá ou porque tinha lá o seu escritório. E é um pouco essa a relação com o personagem de ficção, ou seja, não é aleatório. (TAVARES, 2009)<sup>4</sup>.

O *Bairro* se configura como uma possibilidade espacial no qual seus moradores convivem. O que se pode dizer é que esse bairro resulta da releitura dos clássicos e do cânone. Essa releitura se dá de uma forma a mostrar-nos histórias muitas vezes inverossímeis, mas que representam a realidade do senhor-personagem, a obra relata o seu cotidiano e o põe a atuar muitas vezes de forma cômica, insólita, metódica e até mesmo trágica.

---

<sup>4</sup> FROTA, Sissa. Quanto pesa uma palavra? *Cronópios*, literatura e arte em meio digital. 29 nov. 2009. Disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4311>. Acesso em: 08 abr 2020.

O escritor efetiva na escrita da série a colisão entre os tempos, ficcionaliza, cria e reorganiza em seus livros os intelectuais em senhores-personagens, trazendo para dentro de um mesmo bairro esses senhores que remetem a pensadores de séculos diferentes e escritas não similares. Pode-se afirmar que Tavares constrói em seu bairro ficcional um cânone particular, universal e global, elege aqueles que põe a habitar num mesmo espaço e esses não são pessoas comuns, mas carregam em suas personalidades “o peso” do nome do intelectual que o nomeia. Deste modo, a série *O Bairro* configura uma revisita que Tavares faz aos intelectuais por meio de sua memória literária.

### **O Bairro de Gonçalo M. Tavares: Um Convite à Flânerie**

Walter Benjamin, em seus ensaios sobre a obra de Charles Baudelaire, chama-nos a atenção para a figura do *flâneur*. O *flâneur* era aquele que, perambulando pelas ruas da cidade, galerias e cafés em meio à multidão, observava os diferentes tipos que habitavam a capital francesa.

Pode-se caracterizar a *flânerie*, descrita por Benjamin no século XIX, como uma experiência do espaço urbano que surge com as transformações dos hábitos, dos costumes da população e dos espaços. A *flânerie* permitia o caminhar ocioso – através da iluminação pública, do aparecimento das galerias, das passagens e das lojas de departamento – cujo percurso se construía através dos letreiros, equipamentos urbanos, lojas, serviços, publicidade, mercadorias.

Trata-se de uma experiência que se dava principalmente no espaço público da cidade e no anonimato, levada pela curiosidade, pela fantasia e pelo prazer em observar os novos tipos, objetos e espaços da cidade moderna. O *flâneur* observava apenas por prazer, pois com um distanciamento de adoração, ele se embrenhava na multidão com uma postura aparentemente relaxada, mas sempre imbuído pela vontade de compreender os hábitos sociais que constituíam as transformações do espaço urbano.

*O Bairro* de Gonçalo Tavares nos convida à *flânerie* do século XXI, pois o hábito de flunar não ficou restrito apenas ao século XIX, como leitores atentos da obra somos convidados a perambular pelas ruas do bairro e descobrir como esses senhores se relacionam, quais são suas histórias, suas características etc. A *flânerie* se efetuará



através da leitura da série. Flanando pelo bairro pode-se perceber o porquê em meio a um amontoado de prédios, um único senhor tem sua casa em um ponto afastado das demais construções – o senhor Walser, ou ainda observar as conferências do senhor Eliot, nas quais toda a vizinhança participa.

De acordo com o escritor a série *O Bairro* é um projeto em construção. O intelectual diz: “[...] é apresentado um conjunto de personagens que ocupam um apartamento nesse bairro. Quase todos estão por escrever, embora os visualize já. É um projeto para muitos anos, para toda a vida...” (TAVARES, 2006, em entrevista concedida ao *site Portal da literatura*)<sup>5</sup>. Dez senhores já têm seus livros escritos; dentre eles destaca-se aqui *O Senhor Brecht*.

O livro *O Senhor Brecht* é composto por 50 narrativas. Dois aspectos serão abordados no que tange as narrativas do livro. O primeiro aspecto é a associação da obra de Tavares à vida do dramaturgo Bertolt Brecht, entretanto como já dito, nem todos os livros têm o texto associado à vida do intelectual a que faz referência.

O dramaturgo alemão Eugen Berthold Friedrich Brecht nasceu em Augsburg em 10 de fevereiro de 1898 e faleceu em Berlim, em 14 de agosto de 1956. As apresentações de sua companhia teatral *Berliner Ensemble* tornaram-no mundialmente conhecido. Brecht sofreu, como todos em seu país, a sensação de desolamento ao encarar um país completamente destruído pela guerra. Em suas obras a presença do cenário bélico é marcante, como, por exemplo, na peça *Terror e Miséria do Terceiro Reich*, que traz um apanhado de cenas sobre a Alemanha nazista.

Gonçalo Tavares constrói então o contador de histórias, o senhor Brecht, que apresenta, através de narrativas curtas e não sequenciais, a mutilação, o sofrimento e as ações arbitrárias de governantes, nas quais o fim culmina no mistério. Ao começar a contar suas histórias, o senhor Brecht tem uma sala vazia. Aos poucos, os ouvintes se tornam muitos e com o decorrer das narrativas ele se vê impedido de sair.

Partindo dessa premissa, pode-se dizer que o narrador, o senhor Brecht apresenta-se como um narrador benjaminiano. Walter Benjamin (1994, p.201), em seu ensaio “O narrador” diz que: “[...] O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada por outros. E incorpora as coisas narradas as experiências dos ouvintes [...]”. Tavares traça um paralelo entre a história do

---

<sup>5</sup> TAVARES, Gonçalo M. Folheando com Gonçalo M. Tavares. *Portal da literatura*. 2006. Disponível em: <http://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=8>. Acesso em: 08 abr. 2020.



dramaturgo Brecht e seu senhor-personagem, e faz com que em seu livro, o personagem, o senhor Brecht, encarne o narrador que tem uma grande experiência de vida, transmitindo-a por meio das histórias que conta.

No fragmento *O Presidente*, o narrador, o senhor Brecht, faz com que seja possível uma comparação entre o personagem da história com a figura de Adolf Hitler e seus mandos e desmandos no poder. O narrador gonçaliano descreve a figura do presidente como uma pessoa inicialmente indecisa, mas que aos poucos toma as rédeas da política e adota atitudes que revoltam a população presente no fragmento.

O Presidente - Um pintor que não tinha jeito para as cores, mas pegava bem no pincel, foi escolhido para maestro da banda. A escolha foi feita pelo presidente da cidade, que era praticamente surdo, mas apreciava os gestos minuciosos do pintor. Foi a sua primeira e única decisão. O presidente tinha sido eleito porque era muito indeciso e assim não incomodaria ninguém. A população, no entanto quando ouviu o primeiro concerto da banda, revoltou-se. Voltem a dar uma tela ao maestro!, alguém gritou. O presidente, satisfeito, depois da sua primeira decisão ao fim de quatro anos, e julgando que a população estava a gritar bis, decidiu candidatar-se a um segundo mandato. A população apesar da música elegeu-o de novo (TAVARES, 2005, p. 51).

A associação do fragmento com o papel que Hitler exerceu na história mundial torna-se possível uma vez que Hitler, em seu livro *Mein Kampf*, lançado em 1925, declarou que gostaria de ter seguido a carreira artística e chegou a ter certeza de que queria ser pintor. Ainda em *Mein Kampf*, Hitler revelou que aos dezesseis anos consagrou sua vida à arte frequentando concertos, museus, teatros e esboçando suas pinturas.

Em 1933, Adolf Hitler tornou-se chanceler do Reich e o intelectual Bertolt Brecht decidiu abandonar a Alemanha antes que fosse capturado pelos nazistas, pois ele não era odiado apenas pelos seus poemas, mas também por seu caráter pacifista e principalmente pelo fato de ser comunista. Estabelecido no poder, Hitler comandou a Alemanha, disseminando terror à população com as ideias antissemitas, o que causou a revolta.

O outro aspecto observado parte do artigo de Vanessa Hack Gatelli intitulado “O Bairro: Aspectos Teóricos da Narrativa Metaficcional de Gonçalo M. Tavares” (2013). Segundo Gatelli, observa-se que em algumas narrativas o narrador do livro tece pequenas críticas ao mercado literário e até mesmo a literatura em si.

Segue o exemplo de uma narrativa que ilustra o pensamento de Gatelli: Liberdade de escolha - Uma livraria que vendia um único livro. Havia 100 mil exemplares numerados do mesmo livro. Como em qualquer outra livraria os compradores demoravam-se, hesitando no número a escolher (TAVARES, 2005, p. 40).

Ao fazer uso da expressão “um único livro”, o narrador parece se referir à produção de livros em larga escala, ou à produção serial. Os leitores estão incertos apenas quanto a que “número escolher”.

Para Gatelli essa narrativa faz uma crítica a quantidade de *best-sellers* que temos hoje no mercado literário/editorial, livros potencialmente iguais sem profundidade de temas. A autora observa ainda que muitos escritores e até mesmo os escritores já consagrados escrevem não mais pela necessidade da escrita, mas sim pelo desejo de lucro. A literatura como “arte da escrita” estaria condenada por esse aspecto. Dessa forma, para salientar a sua reflexão, Gatelli recorre a Walter Benjamin:

A massa é matriz de onde emana, no momento atual, todo um conjunto de atitudes novas com relação à arte. A quantidade tornou-se qualidade. O crescimento maciço de números de participantes transformou o seu modo de participação. O observador não deve se iludir com o fato de tal participação surgir, a princípio sobre forma depreciada. (BENJAMIN, 1975, p.76).

Benjamin já havia notado que a quantidade transformou-se em qualidade. Uma vez que a literatura atingiu as massas democratizou-se facilmente. Mas com isso o mercado literário faz com que os consumidores/leitores tenham acesso aos mesmos temas. Recorrendo às palavras de Gatelli considera-se que:

[...] o narrador de O Senhor Brecht critica o próprio mercado literário por oferecer um único livro a seu público. Ao perceber que sua fórmula vende, o mercado literário parece se acomodar, não se arriscando a dar lugar as novas estéticas, preferindo repetir sempre o mesmo livro como forma infalível de garantir lucro (GATELLI, 2013, p.46).

É possível também associar a discussão da narrativa apresentada por Gatelli a outro texto do pensador alemão Walter Benjamin – “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1994). De acordo com o intelectual, tem-se que a reprodutibilidade técnica permitiria a massificação da cultura; sob a luz da concepção benjaminiana, com a reprodutibilidade técnica das obras de arte rompe-se com a

sacralização da obra de arte a partir da entrada do processo industrial na produção artística.

O pensamento de Benjamin já presumia que a reprodutibilidade técnica permitiria a “democratização da arte”, já que esta estaria disponibilizada para um maior número de pessoas. Esse processo de “democratização da arte” é parte da nova lógica cultural proposta tanto pela modernidade como também pelo capitalismo. O que se percebe hoje é que a indústria cultural se apropriou da arte transformando-a em negócio de valor economicamente rentável. A existência única da obra de arte perdeu seu espaço para uma existencial serial.

Para Gonçalo M. Tavares escrever é refletir sobre a leitura, o fazer literário, a literatura. Enfim, a série *O Bairro* intenta uma biblioteca universal onde habitam intelectuais, escritores e pensadores. *O Bairro* se constitui como um espaço no qual habitam senhores, que se relacionam dentro de um contexto literário ficcional e que permite que esses senhores permaneçam como contemporâneos.

Dessa maneira Tavares mostra que *O Bairro* é um projeto que planeja não só uma releitura do cânone literário mundial, como também almeja construir uma memória literária e cultural. As postulações teóricas de Walter Benjamin auxiliam a refletir sobre a série. A *flânerie* pelo *Bairro* e os aspectos das narrativas aqui exemplificadas traçam um paralelo entre o pensamento de Benjamin e a escrita gonçaliana.

O escritor constitui-se então como um leitor que empreende seu ofício de escritor através da leitura-escrita, pois tece em suas obras releituras de suas leituras, transformando sua leitura em escrita.

Como a série *O Bairro* é um projeto gonçaliano ainda em andamento, cabem aqui as palavras de Maurice Blanchot – para ele a obra de arte nunca pode ser considerada acabada ou inacabada.

O escritor escreve um livro, mas o livro ainda não é a obra, (...) a obra só é obra quando através dela se pronuncia, na violência de um começo que lhe é próprio, a palavra ser, evento que se concretiza quando a obra é intimidade de alguém que a lê. O escritor pertence a obra, mas o que lhe pertence é somente um livro um amontoado de palavras, pois o escritor que sente esse vazio acredita que a obra está inacabada e assim volta a pôr mãos a obra. E assim só termina sua obra no momento em que morre, contudo, o escritor jamais a conhece. (BLANCHOT, 1987 p. 13).

As obras visitadas para a construção da série não terminam com a leitura gonçaliana dos clássicos e do cânone, já que são plausíveis de novas leituras tanto do escritor quanto do leitor. E assim também ocorre com a obra de Tavares. Como cada livro da série apresenta uma peculiaridade que caracteriza várias possibilidades de leituras diante das mais diversas perspectivas teóricas, optou-se aqui pela exemplificação de *O Senhor Brecht* (2005), tendo em vista os pressupostos benjaminianos.

As cinquenta narrativas curtas e não sequenciais presentes em *O Senhor Brecht* trazem temas como a mutilação, o sofrimento e as ações arbitrárias de governantes, nas quais o fim culmina no insólito. Ao começar a contar suas histórias, o narrador Brecht tem uma sala vazia. Aos poucos, os ouvintes se tornam muitos e com o decorrer das narrativas ele se vê impedido de sair.

Abaixo tem-se representada a ilustração da sala em que o senhor-personagem Brecht conta suas histórias. Da esquerda para a direita, vê-se como a sala estava vazia no começo da narração, até o momento em que ele termina quando a sala já está praticamente lotada.



Figura 2: Ilustração da sala em que o senhor Brecht conta suas histórias.

Desse modo, a retomada do estilo brechtiano feita por Gonçalo Tavares em *O Senhor Brecht* parte da reflexão que o texto promove, ou seja, faz com que o leitor pense nas questões da alteridade, do outro, do coletivo e do social, como Brecht fazia em seus textos. Tendo como fio condutor da escrita a obra de Bertolt Brecht, que trata do cenário bélico, Tavares garante que o estilo brechtiano permeie sua escrita. Com

isso, *O Senhor Brecht* confere a sobrevivência da Literatura de Bertolt Brecht, trazendo o seu nome e sua produção literária para o espaço literário contemporâneo.

Contudo, a reflexão desse artigo não visa apontar os processos intertextuais entre os textos dos intelectuais e o texto de Gonçalo Tavares, pois decorre sim da intenção de trabalhar a escrita do escritor português enquanto revisita da tradição literária. *O Bairro* representa uma biblioteca que se constrói pelas experiências de leitura. Trata-se de demonstrar a produção literária contemporânea que traz para dentro da ficção ressonâncias e empréstimos da tradição literária e do cânone, potencializando a sobrevivência da literatura e a sua preservação em uma época em que há o enorme interesse pelos *best-sellers*, além do embate constante entre os estudos literários e os estudos culturais. Esse tipo de texto engloba discussões acerca das questões da leitura e seus desdobramentos que contribuem para se perceber como o escritor contemporâneo Gonçalo M. Tavares aborda a importância da literatura em sua obra.

### **Considerações Finais**

A série *O Bairro* é o contexto no qual Gonçalo M. Tavares insere seus senhores-personagens, que remontam a intelectuais consagrados pela tradição literária, mas que dentro d'*O Bairro* ficcional criado representam papéis distintos da realidade na qual esses pensadores estavam inseridos. Tavares, em seu fazer literário, está no tênue limiar entre ficção e ensaio. Para ele, escrever é refletir sobre a Literatura.

*O Bairro* pode ser lido como uma coleção que representa uma biblioteca onde habitam escritores e pensadores que Gonçalo Tavares sempre revisita através da leitura/escrita. Tendo em vista que a crítica literária reflete sobre as diversas formas de Literatura e do fazer literário, a série traz à tona o escritor que produz sua obra a partir das suas experiências de leitura e que discute dentro do texto literário ficcional a aproximação entre a Literatura e o seu discurso teórico. O escritor português estabelece em sua escrita uma relação com as obras por ele lidas, portanto é da inserção da leitura em seus escritos que podemos perceber a marca autoral de Tavares.

Com os seus senhores, a série garante a sobrevivência da literatura na contemporaneidade, porque retoma os nomes das figuras da tradição literária e as suas respectivas Literaturas. Uma vez que a série deriva do exercício de leitura do

escritor, a trajetória literária dos intelectuais d'*O Bairro* será sempre retomada pelos leitores de Tavares.

Assim, teremos sempre uma leitura que suscita a outra. Apesar de apresentar uma escrita literária que discute aspectos da Literatura dentro da ficção, não podemos correr o risco de ler o escritor Gonçalo M. Tavares apenas enquanto pensador ou teórico da Literatura, porque sua ficção decorre como máxima de seu projeto literário.

Como não há dúvida de que estamos diante de um escritor que desenvolve a série impulsionado pelas suas leituras, vemos nessa a Literatura que caminha rumo a si própria, pois há a constante referência a outros textos, outros autores etc. É ainda sempre perceptível a discussão que o autor traz acerca da leitura, da escrita e da própria construção do texto literário.

Nesta ótica, Tavares expande a observação de Terry Eagleton (2003, p. 17), de que “todas as obras literárias, em outras palavras, são “reescritas”, mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que as leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também “reescritura” (...)” E não relê e “reutiliza” as obras literárias de outros tempos em sua escrita como se fosse criar o novo, uma nova tradição, mas a partir dessa releitura Tavares trabalha no sentido de T. S. Eliot; de que o poeta, o escritor trabalha não só com o fluxo de sua geração, mas também de gerações passadas, fazendo com que a tradição se infiltre em seu texto literário. A releitura de Tavares implica no trabalho com a tradição, o trabalho que atenta para a sobrevivência da Literatura daqueles que fazem parte da tradição literária.

Com isso, pode-se conjecturar que, em *O Senhor Brecht*, o escritor mescla as fronteiras entre a ficção e a crítica da literária para ressaltar como leitor voraz que é a discussão que empreende em torno da Literatura.

Assim como percorrermos *O Bairro* percorremos também a sala de *O Senhor Brecht*. A *flânerie* aqui apresenta um caminho duplo. O primeiro *flâneur* é Tavares que por meio de suas leituras caminha pelas escritas daqueles que põe a habitar n'*O Bairro*. Os leitores podem então através da construção do bairro ficcional retomar a escrita de outros autores e flunar pelo *Bairro* que é uma espécie de biblioteca. De tal perspectiva, o diálogo com os pressupostos benjaminianos auxiliam no modo de se pensar aspectos da revisita que Tavares faz à tradição literária ao trazer grandes nomes literários para dentro de sua obra.



## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.165 – 196.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 2. ed. Tradução José Carlos Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BRECHT, Bertold. Terror e miséria no III Reich. In: *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. v. 5.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIOT, Thomas Stearns. Tradição e Talento Individual. In: *Ensaio*. São Paulo: Art Editora, 1989, p.37-48.
- GATELLI, Vanessa Hack. O Bairro: Aspectos Teóricos da Narrativa Metaficcional de Gonçalo M. Tavares. *Lume Repositório Digital*. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/78942/000900440.pdf?sequence=1>. Acesso em 10 abr. 2020.
- MAYOL, Pierre. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano – Vol. 2: morar, cozinhar*. 6. ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves e Endich Orth. Petrópolis: Vozes, 2005. p.37 -114.
- TAVARES, Gonçalo. *O Senhor Brecht*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- TAVARES, Gonçalo. *O Senhor Calvino*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007a.
- TAVARES, Gonçalo. *O Senhor Kraus*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007b.
- TAVARES, Gonçalo. *O Senhor Valéry e a lógica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

---

Recebido em: 16/04/2020

Aceito em: 25/09/2020